

# XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



## MAPAS DIGITAIS DE RISCO: DISPOSITIVOS GEOBIOPOLÍTICOS DE EDUCAÇÃO E CUIDADO COM A VIDA

Daniel Felipe Schroeder

Camilo Darsie

Andrei Palagi Gamalho

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Eixo 5 – Trabalho, tecnologias, ética e processos formativos

### Introdução

Historicamente, a partir de determinados discursos, mapas foram descritos como ferramentas neutras de representação do espaço e seus elementos. Sob essa lógica, um mapa é compreendido como a fotografia de um recorte espacial. Esse registro pode ser direcionado, por exemplo, para localização ou elaboração de estratégias diante determinados desafios ou intencionalidades. Assim, o uso de um mapa se resume à organização dos elementos que o formam e que são representados em seu interior, sem considerar seus efeitos produtivos enquanto artefato cultural. Porém, ao serem tensionados através de lentes críticas e/ou pós-críticas, os mapas devem ser compreendidos como materialidades que produzem efeitos sociais e culturais, articulando-se às dinâmicas de poder que envolvem diversos sujeitos, transformam-se constantemente.

Assim, os mapas operam como mecanismos de produção e gestão da vida, individual e coletiva. Funcionam como dispositivos de controle e normatização que atuam horizontalmente, compondo uma rede formada por distintos conhecimentos. Neste sentido, eles não apenas descrevem realidades, mas também moldam conhecimentos sobre a vida, influenciam narrativas sociais, políticas e econômicas, ao mesmo tempo em que educam indivíduos por meio de subjetividades que os transformam em sujeitos de determinados regimes de verdade (Schroeder; Darsie, 2024). Nessa perspectiva, os mapas reproduzem conhecimentos que, ao serem organizados e compartilhados coletivamente, transformam as informações que buscam demonstrar.

Associado à isso, em função da popularização do uso de mídias digitais e da intensificação do monitoramento espacial, especialmente a partir da pandemia da covid-19, os mapas passaram a ser mais abrangentes no que se refere ao controle da mobilidade – humana, animal, produtiva –, à produção de representações espaciais estratégicas e aos modos de ser dos sujeitos. Essa pandemia marcou um expressivo aumento na elaboração, divulgação e consumo de mapas digitais, em escala global, consolidando o aumento de usuários e de empresas relacionadas à produção de mapas de riscos. Observa-se, portanto, que os mapas têm educado sujeitos e populações sobre modos de vida de forma mais intensa do que acontecia em outras épocas.

Partindo disso, tensiona-se, neste trabalho, os efeitos dos mapas, enquanto artefatos culturais, por meio dos conceitos de biopolítica, proposto por Foucault (2021) e de geobiopolítica, elaborado por Souza (2014), onde se destaca que o espaço é uma dimensão constitutiva das práticas de poder e um fenômeno em constante transformação, resultado de relações sociais, econômicas e culturais. Assim, compreender os mapas de risco não apenas como representações de determinados fenômenos, mas como instrumentos de governo, possibilita tensionar as formas pelas quais a cartografia digital molda as percepções, regula comportamentos e educa sujeitos para o cuidado com sua saúde, dentro de uma lógica neoliberal.

## **Objetivos**

Objetiva-se tensionar os modos como mapas digitais de risco, muitas vezes elaborados por empresas de monitoramento, educam sujeitos na atualidade. Mais precisamente, a partir dos conceitos de biopolítica, proposto por Foucault (2021) e de geobiopolítica, elaborado por Souza (2014), busca-se compreender as maneiras pelas quais os mapas digitais de risco, inserem-se na lógica neoliberal, deslocando a gestão dos riscos para os sujeitos.

## **Metodologia**

Este resumo emerge de um capítulo da dissertação de mestrado em Educação intitulada “Geografia e Educação: as representações cartográficas do espaço enquanto estratégias (geo)biopolíticas” (Schroeder, 2024). Assim, toma-se como referência os mapas anuais divulgados pelas empresas International SOS, Amarante International e A3M. Tais empresas se destacam na produção de informações sobre riscos de saúde, segurança, criminalidade e instabilidade política, produzindo mapas que são disponibilizados em formato digital.

Os tensionamentos produzidos se fundamentam em uma perspectiva pós-estruturalista, a partir dos conceitos de biopolítica de Michel Foucault (2021), articulando-os com a noção de geobiopolítica, apresentada por Souza (2014). Além disso, adota-se o conceito de espaço proposto por Massey (2009), que o define como um fenômeno em constante transformação, e não como uma realidade fixa ou estática. Desse modo, a pesquisa é constituída pelos mapas digitais de risco das três empresas mencionadas anteriormente, que são analisados enquanto dispositivos discursivos que produzem sentidos, subjetividades e espacialidades, gerindo condutas para o cuidado com a vida. Os tensionamentos produzidos baseiam-se em narrativas sobre segurança, saúde e risco, que se articulam à racionalidade neoliberal. Por fim, conduziu-se um tensionamento sobre a produção de mapas em si e suas implicações, que não apenas informam, mas também orientam comportamentos e normatizam condutas, educando constantemente os sujeitos que aprendem a gerir suas vidas em consonância com as lógicas de mercado.

## **Resultados e discussões**

Os tensionamentos produzidos com os mapas digitais de risco, que são divulgados anualmente pelas empresas selecionadas, revelaram que estes recursos funcionam como dispositivos de governo que articulam dinâmicas de saber, poder e subjetivação. Apesar de serem atualizados a

cada ano, apresentam informações relativamente estáticas, pois se baseiam em bancos de dados oficiais e em padrões consolidados, cristalizando determinadas regiões como mais vulneráveis e outras mais seguras. Desta forma, determinados lugares, como a África Subsaariana, a América Latina e partes da Ásia, frequentemente são descritos como de “alto risco”, enquanto Europa Ocidental e da América do Norte permanecem associadas à estabilidade e segurança. Essa recorrência demonstra que os mapas não apenas registram dados, mas contribuem para a produção de narrativas que naturalizam desigualdades históricas e reforçam estigmas geopolíticos. Assim, não apenas informam, mas produzem modos de interpretar e viver o espaço, reconfigurando a forma como se realiza o cuidado pela vida, em um mundo ainda alarmado pela recente pandemia. Além disso, estes mapas são utilizados como promotores de verdades científicas e absolutas. Ao adquirirem o estatuto de regime de verdade, orientam decisões governamentais, empresariais e individuais. Assim, tornam-se referências globais na produção de condutas seguras. Dessa maneira, a cartografia digital, por meio da produção e divulgação de mapas de risco, atua diretamente sobre a forma como se estruturam estratégias de mobilidade, investimentos e cuidados com a saúde e a segurança.

Outro aspecto fundamental diz respeito ao caráter neoliberal que atravessa o tema. Embora sejam disponibilizados gratuitamente em versões resumidas nos sites das empresas mencionadas, o acesso completo e detalhado às informações dos mapas é restrito a clientes pagantes. Essa lógica revela a mercantilização da segurança, em que o direito à proteção contra riscos é transformado em mercadoria, acessível conforme o capital disponível de cada sujeito, ou organização. Mesmo que tal ação possa impactar custos pessoais ou às empresas, a condição de evitar riscos e preservar a saúde é “capaz de mobilizar afetos e ganhar adesão social” (Franco *et al.* p.71, 2023).

Nesse sentido, os mapas educam e subjetivam indivíduos, responsabilizando-os sobre a gestão de riscos. Não há um questionamento sobre as realidades socioeconômicas ou políticas que colocam algumas regiões do globo sob maior ou menor risco. Na perspectiva foucaultiana da biopolítica, os mapas de risco digitais operam como tecnologias de governo que atuam sobre as populações, orientando práticas e condutas. Embora o conceito de biopolítica seja suficiente para sustentar tais tensionamentos produzidos, a noção de geobiopolítica (Souza, 2014), amplia essa compreensão ao enfatizar a importância das dinâmicas que se dão pelo espaço nas relações de poder. Os mapas, portanto, governam sujeitos e populações geograficamente localizadas, atravessadas por dinâmicas econômicas, sociais e culturais, bem como por disputas geopolíticas. Eles instituem regimes de verdade que determinam o que deve ser considerado relevante ou ameaçador em cada território, configurando realidades específicas a partir de critérios que refletem e reforçam interesses particulares.

Portanto, os mapas de risco digitais devem ser compreendidos também como instrumentos educativos, uma vez que ensinam indivíduos e organizações a interpretar dados estatísticos, a planejar deslocamentos e a adotar medidas preventivas. No entanto, o caráter pedagógico não se apresenta de forma neutra, mas está inserido em uma racionalidade neoliberal que desloca para os sujeitos a responsabilidade de se protegerem, influenciando-os a consumir serviços especializados. Assim, a educação e o cuidado à saúde proporcionados pelos mapas não são apenas informativos, mas normativos, pois constroem sujeitos que aprendem a gerir suas vidas a partir

de parâmetros de eficiência, onde as racionalidades são mercantis (Franco *et al.*, 2023).

Por fim, os mapas digitais de risco atuam como dispositivos que reforçam desigualdades. Ao passo que, se constituem como ferramentas na produção de espacialidades e subjetividades, evidenciando a articulação entre geografia, saúde e educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia; Educação; Saúde; Mapas; Geobiopolítica

## REFERÊNCIAS

FRANCO, Fábio; CASTRO, Júlio Cesar Lemes de; MANZI, Ronaldo; SAFATLE, Vladimir; AFSHAR, Yasmin. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13 .ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

SCHROEDER, Daniel Felipe. **Geografia e educação**: as representações cartográficas do espaço enquanto estratégias geobiopolíticas. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2024.

SCHROEDER, Daniela Felipe.; DARSIE, Camilo. Estratégias geobiopolíticas: mapas como ferramentas de educação e subjetivação espacial. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 1, v. 112, pp. 220–244, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.61636/bpg.v1i112.3303>

SOUZA, Camilo Darsie. **Educação, geografia e saúde**: geobiopolíticas nos discursos da organização mundial da saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. 2014. Tese (doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.